



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

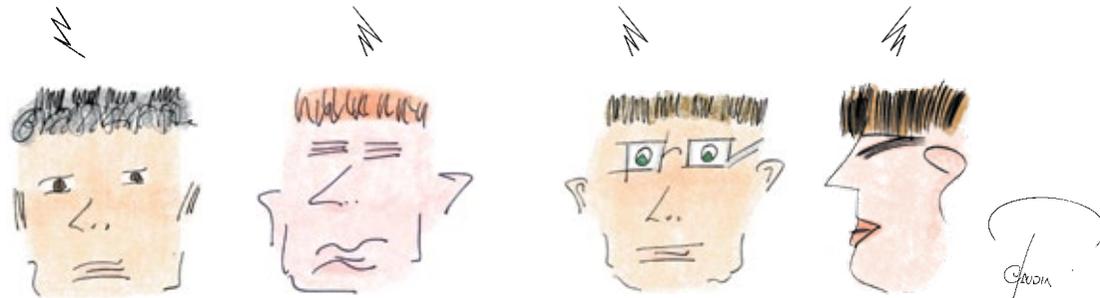
cpereira@brasiliaemdia.com.br

A REVISTA ÉPOCA TROUXE NA CAPA UM ZÉ MANÉ DE 20 ANOS E O APRESENTOU COMO SENDO UM DOS ORGANIZADORES DOS CHAMADOS "ROLEZINHOS".

O ROLEZINHO GANHOU FAMA NO DIA 7 DE DEZEMBRO, QUANDO MILHARES DE JOVENS RESPONDERAM A UM CHAMADO PELO FACEBOOK.

O RESULTADO DESSA HISTÓRIA É UMA GRANDE CONFUSÃO ENTRE DEMOCRACIA E DEMAGOGIA.

O MUNDO VIRTUAL ABRIU ESPAÇO PARA LEGIÕES DE REPLICANTES. CRIATURAS QUE COPIAM E COLAM ESTILOS DE VIDA.



Fontes: revista Época, 20/01/2014; revista Veja, 29/01/2014; jornal Folha de São Paulo, 26/01/2014.

ZÉ MANÉ A revista Época, da semana passada, trouxe na capa um Zé Mané de 20 anos e o apresentou como sendo um dos organizadores dos chamados "rolezinhos". A revista Veja, que não fica atrás, estampou esta semana a foto de outro Zé Mané que fez um clipe visto 42 milhões de vezes na internet. O jornal Folha de São Paulo, do último domingo, informa que o um tal MC Bio G3 disse que "bagunça não é ideologia". Crucifixo no peito, boné na cabeça, jaqueta colorida e o slogan "Fique rico ou morra tentando": essa é a nova geração de consumidores das classes C, D e E, que gasta até R\$ 500,00 por mês só para ganhar seu minuto de fama nas redes sociais e se exibir para a galera.

ROLEZINHOS Faz algum tempo que esses meninos e meninas marcam encontros pelas redes sociais para ir ao shopping "curtir, tumultuar e tirar fotos", como eles mesmos dizem. Quem cria o evento se preocupa em convidar os "ídolos" do Facebook. São garotos e garotas cujos perfis nas redes sociais têm milhares de seguidores. Esses encontros foram batizados de rolezinhos e aconteciam constantemente na periferia, até o episódio do Shopping Itaquera.

CONSUMO O rolezinho ganhou fama no dia 7 de dezembro, quando milhares de jovens com idade entre 14 e 17 anos responderam a um chamado pelo Facebook. Nele, Jefferson Luis, de 20 anos, convidava a turma para se reunir e ouvir funk ostentação (que exalta o consumo) no estacionamento do Shopping Metrô Itaquera, principal ponto de lazer da região. Quando os milhares de meninos e meninas começaram a se juntar no estacionamento, os seguranças tentaram dispersar. A moçada correu para dentro do shopping, assustando os consumidores que pensaram tratar-se de um arrastão.

APROVEITADORES A história ganhou espaço na mídia, e o que seria uma diversão virou uma questão de Estado. Afinal, aproveitadores se apropriaram do movimento e politizaram os rolezinhos. O que era uma brincadeira dos jovens da classe emergente virou luta de classe, jogo de cena, discurso político e o circo pegou fogo. Populistas, radicais de direita e de esquerda e malandros transformaram os rolezinhos em luta política. O resultado dessa história é uma grande confusão entre democracia e demagogia. Entre direitos e deveres. Para confundir mais ainda, os sem teto, os sem terra, os sem vergonha, os sem projeto e todo gênero de irresponsáveis resolveram se apropriar dos rolezinhos e protestar em frente aos shoppings centers do país.

POUCO A DECLARAR Se os aproveitadores querem promover a bagunça, os meninos da periferia querem aparecer, querem visibilidade, querem "brilhar" e ser estrela. Na era da informação, todo mundo quer aparecer na mídia, mostrar suas peripécias nas redes sociais, exibir seu boné novo ou expor sua rebeldia. Todo mundo quer aparecer, mesmo que tenha pouco a declarar.

REPLICANTES O mundo virtual abriu espaço para legiões de replicantes. Criaturas que copiam e colam estilos de vida. Todos querem aparecer. Ganhar seu minuto de fama. Um mercado desprovido de sentido, carente de ideias e concebido por criaturas que só conjugam os verbos ter, exibir, mostrar, aparecer, rebelar e bater o pé. Uma sociedade sensorial em busca de sensações.

POPULISTAS Os demagogos de plantão vão logo fazendo a defesa dos pobres meninos pobres de espírito. Afinal, dizem os populistas, esses meninos têm direitos. Vale perguntar: direito a quê? Direito de serem exibicionistas? Direito de querer o que é do outro? Direito de bagunçar o patrimônio privado? Direito de destruir o patrimônio público? Direito de parar o trânsito? Direito de paralisar as cidades? Afinal, que espécie de direito é esse que não tem espaço para os deveres. Deveres de cidadania. Deveres de casa. Deveres com os pais. Deveres com o vizinho. Deveres com a sociedade. Não basta berrar ou se exibir. Para mudar o mundo, é preciso ter projeto. E preciso ter programa. E preciso muito mais que sair pelas ruas replicando palavras de ordem.

JUNHO DE 2013 O melhor que seu viu de todos esses movimentos jovens foram as manifestações pacíficas e pontuais de junho de 2013. Ali, sim, havia argumentos justos e palavras corretas. Havia conteúdo nas reivindicações. Havia uma lucidez na elaboração das frases. Em junho de 2013, havia um clamor por qualidade dos serviços públicos, qualidade de ensino, qualidade de saúde. As pessoas haviam entendido que se havia recursos para construir estádios de futebol, por que então não havia investimentos nos serviços essenciais para a sociedade? As manifestações de junho clamavam, sim, por direitos legítimos.

MACUNAÍMAS Depois, tudo descambou em violência, quebradeira e black blocs. O que era um direito legítimo acabou em baderna, confronto e depredação. Em pouco tempo, deixamos a civilização e caímos na barbárie. Abdicamos do pensamento justo e entramos na irracionalidade xiita. Parece incrível, mas nada no Brasil é levado a sério. Tudo que é legítimo acaba se deformando em atos irresponsáveis e bobagem. Aqui, nesta Terra Brasilis, falta reflexão. Falta inteligência. Falta conhecimento. Falta fôlego. Talvez porque aqui, mais do que em qualquer outro lugar, triunfam os demagogos e se multiplicam os Macunáimas, os heróis sem o menor caráter que emperram o país e atrasam o nosso florescimento.